



PEDERSEN, S. A.; TORTELLA, J. C. B. Onde estão os coelhos pretos no livro “Menina bonita do laço de fita”? **Revista Diálogos (RevDia)**, “Edição comemorativa pelo Qualis B2”, v. 6, n. 2, mai.-ago., 2018.

ONDE ESTÃO OS COELHOS PRETOS NO LIVRO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”?

Simone Alves Pedersen (UNESP)¹
Jussara Cristina Barbosa Tortella (PUC)²

Revista

100



¹ Doutoranda em Educação. UNESP campus de Rio Claro. s.pedersen@uol.com.br

² Doutora em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. jussaratortella@gmail.com





RESUMO: A fusão de dois autores em uma mesma obra: o autor do texto e o autor de imagem, pode ser conflituosa. Nesse artigo, discutimos a relação imagética e textual no livro “A menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado, um dos livros mais adotados pelas escolas do Brasil, sob o prisma da teoria Social Cognitiva. A mãe da menina é desenhada como uma mulher sensual, contrastando com as mães brancas em livros infantis. Apesar do coelho procurar uma coelha preta para se casar no texto, as ilustrações não mostram coelhos pretos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil. Teoria Sócio Cognitiva. Modelação.

ABSTRACT: The fusion of two authors in the same work: the author of the text and the author of the image, can be conflicting. In this article, we discuss the imaginary and textual relationship in Ana Maria Machado's book, "The Beautiful Girl with Ribbon Tie", one of the books most adopted by Brazilian schools, under the prism of sociocognitive theory. The girl's mother is drawn as a sensual woman, contrasting with white mothers in children's books. Although the rabbit looks for a black rabbit to marry in the text, the illustrations do not show black rabbits.

KEYWORDS: Children's literature. Social Cognitive Theory. Modeling.

1. A LITERATURA INFANTOJUVENIL

Era uma vez uma menina linda, linda.
Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.
Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapos da noite.
A pele era escura e lustrosa, que nem pelo de pantera-negra quando pula na chuva.
(MACHADO, 1996, p.3)

A literatura infantil tem sido estudada em diferentes esferas educacionais, demonstrando ser um gatilho para discussões críticas, desde a mais tenra idade. Quem lê com dificuldade não se interessa por literatura e não apreende o conteúdo dos livros literários, paradidáticos e didáticos. Ao mesmo tempo, a literatura infantil oferece material de leitura agradável e multidisciplinar, que permite à criança – enquanto aluno e pessoa –, entre tantos outros benefícios, exercitar a dialogicidade e reflexão.

Solé (1998) destaca a importância da atuação dos docentes para a melhoria da aprendizagem da leitura e do papel da leitura para a transformação dos conhecimentos. Para a autora, ler não é uma tarefa apenas para aprender (conteúdo), mas também para pensar, e a





decodificação, apenas, não basta; afirma ainda, que a fluência leitora necessita de exercício contínuo e que o leitor precisa aprender a interpretar textos com graus de dificuldade cada vez mais altos.

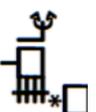
Interpretar um texto ilustrado passa pela interpretação das imagens. O discurso que as imagens carregam, assim como o discurso no texto, nem sempre são aspectos considerados por professores em sala de aula. O livro infantil é selecionado pelo colorido, pela capa, pelo tema, mas nem sempre são lidos antes de serem ofertados aos alunos. Também não é sempre que o livro infantil é analisado com rigor, antes de ser lido para crianças. Muitas vezes o livro é considerado um brinquedo.

Em direção oposta a esta, Pedersen e Tortella (2016) ressaltam que a escola é uma ponte entre as crianças e a Literatura infanto-juvenil, uma ferramenta de fácil acesso aos professores. A questão reside na formação dos professores em relação ao livro infantil, aos critérios de seleção, a avaliação desses livros, que podem trazer discursos embutidos que nem sempre são identificáveis pelo título ou pela capa. O professor precisa ler o livro antes de escolhê-lo quando busca formar alunos capazes de refletir, ponderar, ter opiniões próprias.

Anjos e Vieira (2015) discutem em pesquisa que desenvolveram sobre a formação docente e a literatura infantil e suas contribuições para o desenvolvimento de leitores na Educação Infantil afirmam que os programas de formação além da discussão sobre alfabetização e letramento necessitam considerar as reais necessidades contextuais do professor em sala de aula e a implicação dessas nas práticas pedagógicas.

A literatura infantil e juvenil tem sido usada para leitura de fruição, para leitura de conteúdo pedagógico, para discussão de temática moralizante, como material paradidático e didático.

O autor das imagens, o ilustrador, tem um caminho diferente. Ele é contratado pela editora ou pelo autor diretamente. O texto pronto lhe é mostrado e ele então inicia a produção das imagens. Alguns artistas gostam de compartilhar o processo com o autor do texto e pedem orientações/sugestões, enquanto outros produzem individualmente e não





gostam de receber opiniões durante seu processo de criação. Alguns editores pedem a remessa de imagens para avaliação antes de termina-las, outros confiam nas escolhas do ilustrador que entrega o material todo de uma única vez.

Nesse movimento, pode surgir divergências entre os dois autores. Algumas em tempo hábil de saná-las, outras que não oferecem possibilidade de mudanças. Artistas têm concepções diferentes sobre suas produções, e podem ou não aceitar que o autor do texto oriente sua criação artística, para que não haja limitação criativa. Outros artistas produzem para determinado cliente e procuram atender ao que esse espera.

O que nos leva a ponderar sobre o que é arte. Se a arte pode ou não ser direcionada. Se a arte é somente a criação livre, no caso da literatura infantojuvenil que já apresenta uma história, pode a ilustração contar outra história? Se o artista descreve em desenhos a história textualizada, está ele limitando sua capacidade artística?

Outra questão é sobre a liberdade artística versus conteúdo. Pode a ilustração, em nome da arte e da livre criatividade, apresentar informações incorretas?

A resposta não é fácil. Um elefante andando pela cidade de São Paulo é perfeitamente cabível em uma narrativa criativa. Se, por outro lado, colocamos um elefante em um livro infantil que descreve os animais que vivem na Floresta Amazônica, pode levar ao aluno menos atento acreditar que existem elefantes em nosso país. O objetivo do livro é que deve ditar as regras em relação à escolha. Ficção ou livro informativo, paradidático, didático, cada gênero tem suas possibilidades/limitações. O papel do mediador é sempre levantar o questionamento quando a imagem e o texto não se encontrarem de forma natural e perfeita. O que não se pode é levar para a escola um livro para crianças que em sua narrativa traga informações distorcidas.

Concordamos com o renomado matemático Laurent Laforgue, que prega uma urgente reforma educacional global, quando ele afirma que os conhecimentos literários são de imensa importância. Pois dominar a própria





língua, ler grandes autores e filósofos, é indispensável para o desenvolvimento do espírito crítico e da própria formação do indivíduo.

Não se trata de censurar, de adotar apenas livros moralizantes (para isso temos as fábulas) ou que sejam politicamente corretos. Por outro lado, não faz sentido levar para a sala de aula livros que promovam o preconceito, desvalores e desarmonia.

Autores de textos e de imagens são pessoas e estão sujeitos a acertar e errar. Nem tudo que é publicado é material de qualidade literária e imagética. Por vezes, os custos determinam as escolhas. E nem sempre a Arte é o fator preponderante na escolha de qual livro será produzido, quando e em que condições isso ocorrerá.

Portanto, esse texto procura compreender como e o que as crianças aprendem ao entrar em contato com um livro e suas ilustrações, a partir das explicações do conceito de modelação da teoria social cognitiva. Pretende, ainda, alertar docente e pais que não se pode escolher um livro infantil de forma inocente, sem considerar o discurso que ele traz. Não é porque um livro trata de homofobia que o autor estava capacitado a tratar desse tema com o respeito que merece. Não é porque um autor escreve um livro com um protagonista portador de alguma deficiência que o livro é bom. O mesmo se estende ao ilustrador. Nem todo artista é sensível ao ponto de ser capaz de ilustrar temáticas polêmicas ou poéticas.

2. A APRENDIZAGEM POR MODELOS, SEGUNDO A TEORIA SOCIAL COGNITIVA

Azzi (2010) explica que segundo o prisma da teoria sociocognitiva de Albert Bandura, o processo de modelação possibilita que as pessoas adquiram padrões de comportamentos culturais. Nesses padrões de comportamentos estão as crenças e os valores que elas acrescentam no decorrer de suas vivências e experiências, interagindo com o ambiente.

Costa afirma que a modelação é um conceito também pertencente ao senso comum. Pessoas discutem, por exemplo, o fato de a TV apresentar





modelos de conduta contrários à moral e aos bons costumes, cenas de violência, de crimes, maus exemplos de como lidar com os idosos, corrupção, etc.

O que parece ser apenas um comportamento copiado, é, segundo a Teoria Social Cognitiva, um aprendizado. Aprendemos de forma direta ou forma vicária. Na experiência direta aprendemos o que executamos. Na experiência vicária observamos outros comportamentos – que podem ser pessoais, por meios de comunicação ou leitura – e ampliamos nosso repertório de condutas que aprovamos ou desaprovamos.

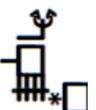
Bandura trabalhou com modelos reais, pesquisou a efetividade de modelos simbólicos mediados por filme (modelos humanos mais que animais). Sugeriram os estudos um efeito eliciador e facilitador de resposta aprendida desinibindo respostas pela extinção ou contra condicionamento da ansiedade. Ou seja, um livro ou filme pode desinibir comportamentos que a criança já aprendeu e não havia reproduzido ainda. Ou ensinar novos comportamentos.

Os três efeitos da exposição a um modelo são: aprender novos comportamentos, inibir ou desinibir respostas aprendidas hibernadas e instigar respostas similares.

Os processos envolvidos na aprendizagem por meio de modelos são: atenção, retenção, reprodução motora e reforço e motivação. Quanto mais atenção, maior probabilidade de aprendizagem do comportamento observado. Quando tratamos de literatura infantil, temos uma grande possibilidade de a criança prestar atenção.

Sem foco, sem prestar atenção, naturalmente não observaremos o modelo de forma aprofundada. É necessário que a observação seja memorizada, retida. Há necessidade de habilidades para reprodução. Se o comportamento for sancionado negativamente, raramente será ativada enquanto incentivos positivos favorecem.

O reforço afeta o nível de aprendizagem observacional ao controlar a que as pessoas se tornam atentas e quanto elas codificam e praticam o que viram. O reforço externo é um facilitador não condição necessária para a





aprendizagem. As consequências do comportamento afetam a decisão de reproduzi-lo ou não.

O modelo pode favorecer ou enfraquecer inibições de respostas que os observadores previamente aprenderam (BANDURA, 1969). A influência de modelos pode servir como estímulos desinibidores, eliciadores de respostas, instigadores de emoções e como professores.

O comportamento aprendido não será necessariamente reproduzido exatamente como foi visto. Somos frutos de uma tríade recíproca, na qual segundo Bandura, nosso comportamento afeta o meio e nossas crenças, reciprocamente. Um comportamento aprendido pode ser reproduzido com variações adicionadas pelo nosso repertório individual.

Essa equação faz com que nunca sejamos réplicas idênticas de nossos modelos. Ao mesmo tempo que aprendemos quase tudo em nossas vidas por meio de modelação, mesmo que seja ao observar o que alguém informa por meio de comportamentos, palavras ou gestos.

A modelação está presente nos comerciais de TV quando nos instiga a ter novas necessidades. Nas leituras e filmes. Nas conversas sobre o passado. Nas conversas sobre o futuro. O tempo todo estamos sob o processo da modelação.

Para Zimmerman e Schunk (2001) a modelação envolve mudanças que resultam da observação de modelos, sendo essas mudanças nas dimensões não só cognitivas, como também afetivas e comportamentais. Essa aprendizagem pode ser incidental, mas também pode ser programada, mediante o contato com livros e programas de televisão, filmes, peças de teatro, entre outros.

As atribuições do modelo, atributos do observador e valor fundamental do que foi modelo afetam o poder do modelo. O observador compara suas características com a do modelo e julga se as consequências são negativas ou positivas quando decide se adotará ou não aquelas condutas. Se for um modelo de prestígio, de sucesso ou que tenha envolvimento afetivo com a criança, ela prestará mais atenção. Nesse ponto, os livros infantis são potentes modelos simbólicos.





A modelação não pode ser interrompida. Agora vou ser modelo. Agora não vou mais ser modelo, posso ser eu mesmo. Somos modelos o tempo todo. É uma grande responsabilidade. A criança amplia seu repertório comportamental com cada detalhe que observa. E nesse repertório incluem-se as histórias infantis que oferecemos a elas.

3. O LIVRO *A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA* DE ANA MARIA MACHADO

Ah, quando eu casar
quero ter uma filha
pretinha e linda
que nem ela...
(MACHADO, 1996, p. 3)

Lançado em 1996, o livro “Menina bonita do laço de fita” da escritora Ana Maria Machado, recebeu inúmeros prêmios e foi distribuído para escolas de todo o país. O livro trouxe a discussão sobre o racismo para o universo infantil, com uma menina protagonista, pequena, preta, bonita. As professoras logo descobriram o livro e passaram a adotá-lo como pretexto para discutir a questão do preconceito racial com seus alunos. A autora é escritora, professora, jornalista e pintora, já publicou mais de cem livros e vendeu mais de vinte milhões de livros. Nascida em 1941, Machado acompanhou a evolução do mercado editorial brasileiro, desde o seu quase início.

O livro começa “Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorido. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar” (p.4). e na sequência apresenta o personagem coelho branco, de olhos vermelhos e orelhas cor-de-rosa. “Do lado da casa dela morava um coelho que achava a menina a pessoa mais linda que ele já vira na vida. Queria ter uma filha linda e pretinha como ela” (p.7). Assim, a história se desenrola com o coelho perguntando à menina como fazer para ter uma filha pretinha e linda que





nem ela. E com uma prosa poética e também momentos engraçados, o livro tem agradado adultos e crianças por décadas.

O livro foi publicado em 1996. O PNBE (Plano Escolar da Biblioteca Nacional) surgiu em 1997, e demorou alguns anos até chamar a atenção das editoras com suas compras de dezenas de milhares de livros. Antes disso, a comercialização de livros infantis, no Brasil, era modesta. Os investimentos com os livros para crianças eram limitados. Também não havia a possibilidade da produção sob demanda (livros impressos em pequenas quantidades), não havia a globalização e a concorrência das gráficas chinesas, e poucos artistas conseguiam viver da ilustração de livros nesse gênero.

O ilustrador desse livro, Claudius Ceccon, é arquiteto, designer, cartunista, escritor e ilustrador. O artista é conhecido por sua produção jornalística e seus cartoons. Um profissional renomado, com alguns livros infantis em seu portfólio.

O texto da autora é delicado, poético, engraçado. As ilustrações são extravagantes e caricatas. Houve uma seleção e os critérios podem ter sido muitos, desde uma pessoa que aprecia o trabalho do artista, a indisponibilidade de outro artista no prazo, o custo da produção do artista, a sua popularidade que pode impulsionar a venda, entre tantas outras possíveis variáveis. A produção dos livros infantis pode ser afetada pelo contexto editorial que desconhecemos enquanto leitores.

A começar pela mãe da menina, uma mulher que foi representada como o estereótipo da mulata bonita, muito vaidosa e encorpada. Com muitos penduricalhos, anéis, pulseiras, brincos, muita maquiagem, batom vermelho, a mãe da menina é retratada. Foi dada uma atenção especial para o corpo cheio de curvas e seios volumosos. O artista coloca em seus desenhos o que ele vê. Procuramos por livros com mulheres brancas, mães com seus filhos, em livros infantojuvenis, que se vestissem de forma sensual e não encontramos.

Nos anos 90, as ilustrações foram aprovadas. Podemos questionar se hoje as mesmas ilustrações teriam sido aprovadas, com tantos movimentos





que lutam contra a imagem da mulher-objeto, que sofre violência física e emocional, principalmente a mulher negra.

A mãe da menina é pintada de cor mais clara que a menina, com um tom rosado, a menina é pintada de marrom claro e a vó que aparece em um porta-retratos (p.14) é preta. Entretanto, o texto expressa literalmente que a menina é pretinha, bem pretinha. Nas ilustrações ela é menos preta que a avó, e a cor escolhida pelo ilustrador foi o marrom. Essa escolha percorre todo o livro, usando tons de marrom para pintar o que o texto descreve como preto. A beleza africana está na mulher e nos seus adereços usados por ela, na ilustração. A mãe da menina usa anéis em todos os dedos, muitas pulseiras, brincos e lenço que amarra o cabelo, além de maquiagem, com sombra azulada nos grandes negros. O cabelo da mãe é colorido de marrom.

Uma possibilidade é que o autor escolhe cores diferentes para dar um acabamento artístico, com mais contrastes. Não seria de se questionar as diferentes cores de pele, porque somos brasileiros, e são muitas as variações de nossas cores. O que não se explica nesse livro, que é literal e discorre o tempo todo sobre preta da menina.

Ana Maria Machado inovou ao apresentar sua personagem, uma menina preta e bonita. Encontrou um nicho que ainda não estava sendo explorado, e um mercado sedento de matérias para discutir preconceitos raciais com as crianças. Seria ainda melhor, em nosso entender, se a menina fosse também inteligente, esperta, cheia de amigos. Seria ainda interessante, se o pai da menina aparecesse no livro, dividindo as tarefas com a mãe, cuidando da filha. Se o pai fosse também preto, um homem bem-sucedido, jovem e bonito. A beleza africana na literatura só aparece quando o personagem é mulher. Homens pretos são normalmente retratados como fortes e valentes. Não encontramos livros infantis com personagens masculinos pretos fora desse estereótipo.

Todavia, não podemos nos esquecer que se trata de um livro produzido nos anos 90, e, de lá para cá, muito mudou, mesmo não tendo mudado o suficiente. São as imagens replicadas nos livros infantis, as imagens que os autores têm em suas mentes, marcadas pela cultura e pela sociedade.





Se nesse livro, a menina pretinha é pintada de marrom-claro, a mãe é pintada de cor de rosa (mas com apelo extravagante e sensual), surge então o personagem coelho, um animal branco de olhos vermelhos, que enxerga toda a beleza da menina, e sendo animal, não traz as marcas dos preconceitos dos humanos e a acha linda. O coelho transmite afetividade em todos os momentos, sendo um personagem empático e acolhedor.

A narrativa se desenvolve em torno do encontro dos dois. O coelho pergunta para a menina como ele pode ter uma filhinha pretinha e linda como ela. A menina pequena que ainda não sabe o que o coelho pode fazer, oferece respostas que o coelho obstinado experimenta: ele bebe muito café, come muita jabuticaba, se pinta com tinta preta.

No final da história, aparece uma ilustração de página dupla com o coelho branco, sua esposa e onze filhotes. Esperasse que ele tenha finalmente conseguido uma filha pretinha e bonita como a menina de laço de fita. O coelho branco conhece uma coelha marrom, muito maquiada e com bijuterias para mostrar a semelhança com a mãe da menina. E desse casamento nenhum filhote nasce preto. Um é cinza claro, um manchado, tem alguns amarelos, laranjas, rosados. A impressão que se tem é que o autor da imagem se preocupou com a composição das cores, com os contrastes e o efeito final, mas em nenhum momento do livro ele se preocupou em pintar personagens da cor que o texto indica. Ele não dá o que o coelho procura, uma esposa preta e filhotes pretos.

Qual é a mensagem o livro passa para as crianças. Quando veremos mulheres negras inteligentes, bem-sucedidas, em profissões de destaque, retratadas na literatura infantojuvenil de nosso país? O que se discute nesse texto é a reprodução dos estereótipos na literatura infantil e juvenil e a necessidade de uma formação de professores que movimente essa reflexão. Os livros infantojuvenis são levados para a sala de aula sem a seriedade que sua seleção demanda.

Não se trata de censurar nem de escolher e robotizar o leitor mirim. Mas de ampliar a discussão para além da pergunta superficial “Quem gostou da história” e aprofundar para uma reflexão crítica que inclui a compreensão que o livro é o resultado de um trabalho coletivo, onde o autor





é um dos sujeitos envolvidos, em um processo que passa por editores, pareceristas, revisores, preparadores e textos, ilustradores, diagramadores, mediadores de leitura, e o leitor, muitas vezes, está muito distante de quem originalmente escreveu a história.

Entender essa cadeia produtora pode ajudar a desvelar os sentidos que uma história traz, para que o leitor possa, enfim, encontrar o seu sentido, carregado das suas vivências, das suas inferências, conexões e predições, de forma ativa, e não sendo apenas um ser passivo nesse processo dinâmico que a leitura deve ser.

Não se pode relevar o impacto que um modelo simbólico pode ter sobre um leitor. É só pensarmos nos movimentos que os grandes heróis causam, com filas e comoções em massas. Pessoas que passam noites no frio esperando o lançamento do próximo livro do Harry Potter, com mais de 500 páginas. Crianças com menos de 5 anos que pedem para repetidamente assistirem o mesmo desenho ou que leiam o mesmo livro infantil.

4. DISCUSSÃO: A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA

Para Solé (1998), os professores da Educação Básica precisam aprender uma forma nova de pensar e entender a leitura, que é comum no meio acadêmico, mas que não está presente na prática educativa. Segundo a autora, são os docentes que podem, de fato, contribuir para a melhor aprendizagem da leitura. A autora, ainda, afirma que a escola ensina a ler, mas não oferece tarefas para que os alunos exercitem essa competência e aprofundem a compreensão leitora. Para ela, os objetivos da leitura são muitos e diferentes em cada situação e momento, destacando-se os seguintes: obter uma informação precisa; seguir instruções; obter uma informação de caráter geral; aprender; revisar escrito próprio; por prazer; comunicar um texto a um auditório; praticar a leitura em voz alta, verificar o que se compreendeu etc.

Ler não é um ato simples e automático. Compreender o que se lê necessita da participação ativa do leitor. Para Simões e Souza (2011), as





competências e habilidades envolvidas no processo de ler são as seguintes: decodificação, seleção, antecipação, inferência, verificação, confirmação de hipótese etc., além de que, ler pode ser para informar, copiar, distrair. Pode-se, ainda, ler para o outro, com o outro, em voz alta ou silenciosamente. A leitura pode ser efetuada em diferentes momentos e locais, e vem em diferentes suportes, como jornal, livro, página digital, entre outros.

No texto ilustrado, sugerimos que há um terceiro tipo de leitura, a leitura de texto ilustrado, que além do significado do autor textual, traz a tradução do autor de imagens, para depois o aluno construir o sentido seu, por meio da sua subjetividade, das suas experiências. Isso senão houver um mediador, professor ou não, que pode trazer ainda a sua compreensão.

A compreensão leitora é construída pelas pistas que o texto traz, o conhecimento prévio e nesse caso, se as pistas da ilustração forem contraditórias ao texto, teremos suma situação em que em nome da arte imagética, a arte literária é deformada. Exemplo está na ilustração do livro “A menina bonita do laço de fita” que luta contra o preconceito enquanto o autor das imagens reproduz estereótipos construídos em pilares racistas.

Acreditamos que o professor precisa conhecer a literatura infantil, em primeiro lugar, para que não apenas saiba selecionar o que é bom, mas para que também tenha um repertório amplo que possibilite renovar suas escolhas e adaptá-las aos diferentes alunos. Lajolo (2010) diz que o professor deve ser leitor para formar leitores, gostar de ler, principalmente os que lecionam nos anos iniciais.

A compreensão do texto é construída com base no repertório de cada aluno. Para Solé (1998), o leitor que aciona conhecimentos prévios efetua uma leitura crítica quando analisa o que lê e o compara com o que ocorre no mundo.

Fountas e Pinnell (2001) explicam que quando você lê um romance ou história qualquer sobre um lugar onde já esteve, aquela leitura, mesmo que ficção, irá acrescentar ao seu conhecimento ou trará novos sentidos aos conhecimentos prévios, de forma complementar. Assim como as experiências vividas e a cultura em que somos inseridos influem na





construção de personagens e de como lemos os personagens criados por outros.



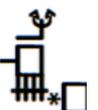
A conexão consiste em ligar o que lemos com algo semelhante que já sabemos. Para Simões e Souza (2011), compreendemos melhor o que estamos lendo quando fazemos conexões com eventos ocorridos em nossas vidas, ou com informações de outros textos lidos, ou ainda com situações que ocorrem em outros lugares do mundo.

Uma criança que mora no interior terá mais facilidade em fazer conexão com um personagem que vive no campo, do que outra que vive em uma capital, e vice-versa. Uma criança se identifica com personagens de histórias infantis.

Nesse processo de compreensão leitora, como seria se o texto infantil não tivesse ilustração? Será que crianças somente se interessam por histórias ilustradas? Onde fica a transmissão oral das histórias infantis? Não pretendemos sugerir que livros infantis não sejam ilustrados. A ilustração é uma arte bela e sensível, que nos move e inspira. Todavia, não podemos supor que a ilustração de uma história seja mais importante que a história em si. São duas formas de arte distintas e independentes.

Assim sendo, um mesmo livro pode ser ilustrado por outro ilustrador, em uma outra edição, enquanto as ilustrações de uma história nunca se encaixarão perfeitamente à outra história. Os livros de imagens, sem texto, contam histórias sem texto. Alguns, são obras-primas, como o premiado *Bárbaro* de Rogério Moriconi (2013), autor da história e das imagens, que narra a trajetória de um guerreiro bárbaro que luta contra monstros mitológicos, até que é salvo por uma mão que surge do alto, para no surpreendente final da história, descobriremos que era a imaginação de um menino em um carrossel. O autor da história e das imagens, quando o mesmo, tem a possibilidade de traduzir exatamente a sua visão de mundo e da narrativa produzida.

Regina Zilberman (2003) considera que o mundo dos adultos por vezes é reproduzido em obras literárias infantis. “seja pela atuação de um narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja pela veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em





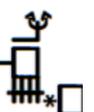
consonância com os valores sociais prediletos “ (ZILBERMAN, 2003, p. 23). O autor de texto ou de imagens, ao fazê-lo, pode estar inconsciente do que faz, revelando valores incorporados previamente.

Debus (2017, p.23) afirma que a “a temática da cultura africana e afro-brasileira, bem como a escrita de escritores afro-brasileiros ficou silenciada. Contemporaneamente, é possível encontrar vários trabalhos que evidenciam esse fato; [...]”; A autora reuniu em um livro a produção de quatro escritores que tematizam cultura africana e/ou afro-brasileira em suas narrativas, explorando a temática na literatura infanto-juvenil nacional, pelo ponto de vista de autores afro-descendentes. A autora complementa que após a Lei n. 10.639/2003, que trouxe a obrigatoriedade do ensino da cultura africana nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio, houve um acréscimo nas publicações de obras literárias com tal temática.

Nesse sentido, podemos constatar que anteriormente à tal lei, os livros com personagens negros eram em número ainda mais reduzido. Livros com uma protagonista negra, bonita e orgulhosa de etnia, como a menina bonita do laço de fita, eram uma novidade em nosso país. Não havia uma discussão ampla sobre a promoção condutas antirracistas nas escolas. Esse livro, foi um precursor, recebido e adotado em escolas de todo o país. Não havia, ainda, um movimento social que levasse a uma análise mais profunda de livros infantis com temática antirracista.

Na construção de sentido que o aluno faz, na leitura do mundo, os modelos que ele conhece influenciam em seu entendimento. Um livro infantil fará parte de seu conhecimento prévio dali em diante. Simões e Souza (2011) afirmam que a estratégia de ativação dos conhecimentos prévios é uma estratégia “guarda-chuva”, e que a mesma amplia a compreensão do texto.

Por exemplo, ao visualizar um castelo medieval, alguns podem lembrar dos castelos mais antigos, sem nenhum conforto, frios, nos quais havia pouco mobiliário e uma câmara de tortura para os inimigos. Também podemos pensar em outros castelos, com torres altas como nos contos de fadas, em particular aquele onde Rapunzel ficou cativa. Algumas crianças





podem imaginar o Castelo da Cinderela, em sua versão animada pela Disney, enquanto as moças românticas podem visualizar o real Castelo de Neuschwanstein na Baviera, Alemanha, que inspirou o castelo da Cinderela. Ou pode, ainda, a criança, visualizar o castelo de brinquedo que ela tem em casa, ou o castelo que viu em um filme de terror.

As cores, tamanho, estilo, detalhes são pessoais, se não houver uma descrição para o imaginário. Um livro pode trazer um castelo medieval bonito ou sujo, mostrar a sala de jantar ou a câmara de tortura. O imaginário do ilustrador pode ter sido construído em direção oposta do autor do texto.

O papel do professor é o do mediador na leitura do livro, do texto, das imagens e do mundo, extrapolando a pergunta final costumeira “Vocês gostaram da história?” e direcionando para questões voltadas a reflexão crítica, para que o leitor não leve gato por lebre, ou coelho marrom por preto.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pretendemos com esse texto discutir os conflitos que podem surgir entre a história escrita e a história ilustrada. Trouxemos um exemplo do que julgamos ser um conflito conceitual em um livro infantil, entre a imagem e o texto. O aporte teórico da Teoria Social Cognitiva, com base no constructo da modelação vicária simbólica, embasa a possibilidade de aprendizagem de conceitos e valores, por meio dos livros infantis, e o processo pelo qual pode acontecer.

Bettelheim (2017, p.12) diz que “justamente porque a vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lutar”. Nesse livro, encontramos imagens estereotipadas da personagem mãe, ao apresentar uma mulher afrodescendente de forma sensual, com roupas justas que acentuam curvas, decote que desnecessariamente sugere fartos seios, forma atípica para um





livro infantil. Não encontramos mulheres brancas retratadas com sensualidade em livros infantis.



Trata-se de um livro para trabalhar a temática racista que persiste em nosso país, com uma história adotada em muitas escolas, e, portanto, as ilustrações poderiam ser pensadas com maior cuidado. No início da história (p.3), a autora se refere a menina “a pele era escura e lustrosa, que nem pelo de pantera-negra quando pula na chuva”. O fato de o coelho se casar com uma coelha marrom, e ter muitos filhotes, sendo que nenhum é totalmente preto, se distancia da narrativa que desde o início busca encontrar um meio do coelho branco ter filhotes pretos.

Colomer (2015, p.75) sumariza nossas preocupações com a frase “Em definitivo, os problemas sobre os modelos de socialização são da literatura infantil e juvenil na mesma medida em que são de toda a sociedade”. Livros infantis são uma ferramenta potente para abordar assuntos que fazem parte da nossa cultura, em linguagem adequada aos leitores mais novos, na escola.

A formação inicial e continuada de professores ainda não explora estratégias de leitura e a potência estética e literária dos livros infantis e juvenis. que é imensa atualmente em todo o mundo, inclusive no Brasil. Muitos se prendem aos clássicos pela sua qualidade sacramentada, enquanto outros recorrem aos contemporâneos sem conhecer critérios de seleção de obras. Cosson (2007) aponta que não podemos nos prender ao passado sacralizando as obras cânones, nem tampouco adotar obras contemporâneas ao ponto de esquecer nossa história e cultura.

Enquanto discutimos práticas pedagógicas descolonizadoras e alunos agentes de suas aprendizagens, não podemos nos esquecer de questionar e refletir sobre nossas ações e tradições pedagógicas. Mesmo um bom livro pode trazer armadilhas. As listas de livros que passam de um ano para o outro, sem questionamentos. Os livros escolhidos pela capa ou por catálogos bem diagramados, podem esconder armadilhas discursivas de uma literatura moralizante que predominou na literatura para crianças produzida no Brasil no século passado, e, que ainda, continua a ser publicada em grande número.





Entendemos que nem todo livro infantil precisa discutir valores. Existem excelentes livros infantis com histórias que transportam as crianças para outro mundo, um mundo de puro deleite e fruição, seja por meio de uma boa história, seja por meio de poesia. Os livros infantis que trazem em sua história princípios morais, valores e comportamentos, se escolhidos, também devem ter alta qualidade estética. Não se pode abrir mão da qualidade estética em prol do conteúdo do livro.

O livro “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado é um bom exemplo de história que promove a discussão sobre racismo, de forma lúdica, com qualidade literária. Mas, nem todo livro publicado, até por grandes editoras, autores e ilustradores premiados, é isento de características questionáveis.

Questionar a mensagem que as ilustrações desse livro transmite, foi o foco desse artigo. Esperamos que os coelhos brancos tenham o direito de ter uma filha preta, como desejam, e que os livros infantis não sensualizem nem clareiem os personagens pretos.

REFERÊNCIAS

ANJOS, A. M. T.; VIEIRA, H. P. Formação Docente e Literatura Infantil: contribuições para o desenvolvimento de leitores na educação infantil. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente - SP, v. 26, n.3, p. 303-322, set./dez., 2015.

AZZI, Roberta G. Mídias, transformações sociais e contribuições da teoria social cognitiva. In: **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 2, p. 252-258abr./jun. 2010,

BANDURA, A., ROSS, D.; ROSS, S. A. Transmission of aggression through imitation of aggressive models. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 63, p. 575-582, 1961.

BANDURA, A., ROSS, D.; ROSS, S. A. **Principles of behaviour modification**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1969.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Editora Paz & Terra. Rio de Janeiro, RJ, 34ª edição, 2017.

COLOMER, T. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. Editora Global, São Paulo, SP, 2015.





COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2007.

DEBUS, E. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens.** Editora Cortez, São Paulo, SP, 2017.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6ª. Ed., São Paulo, Ática, 1993/2010.

MACHADO, A. M. **Menina Bonita de Laço de Fita.** São Paulo: Ática, 2008.

MORICONI, R. **Bárbaro.** Companhia das Letras, São Paulo, SP, 2013.

PEDERSEN, S. A.; TORTELLA, J. C. B. Estratégias de leitura e seleção de obras infantis. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, v.9, n.18, p.73-88, maio 2016.

SIMÕES, C. G. A.; SOUZA, R. J. de. Estratégias de leitura: uma alternativa para o início da educação literária. **Álabe**, no. 10. p. 1-23, 2008.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura.** 6. Ed. Porto Alegre. Artmed, 2008.

ZILBERMAN, R. **A literature infantil na escola.** Editora Global, São Paulo, SP, 2003.

ZIMMERMAN, B. J.; SCHUNK D. H. **Self-Regulated Learning and Academic Achievement - Theoretical Perspectives.** New York: Routledge, 2001.

